

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**RITUAIS FAMILIARES, QUALIDADE RELACIONAL E
PROXIMIDADE: EFEITOS INDIVIDUAIS E DIÁDICOS.**

Andreia Alexandra Marques Carrilho

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2016

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**RITUAIS FAMILIARES, QUALIDADE RELACIONAL E
PROXIMIDADE: EFEITOS INDIVIDUAIS E DIÁDICOS.**

Andreia Alexandra Marques Carrilho

Dissertação orientada pela Professora Doutora Carla Crespo

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2016

Dedicada à Joana Tinoco de Faria.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Carla Crespo, pela disponibilidade até ao último minuto.

À Inês. Pelas horas incansáveis que me deu na cabeça para que terminasse este projeto. Por ela acreditar que eu conseguia, mesmo que uns dias mais que outros.

À Marlene, por ter estado comigo do primeiro ao último dia, literalmente.

À Sofia.

À minha Mãe. Por me apoiar incondicionalmente e continuar de colo pronto, no caso de eu falhar.

Ao André. Por me fazer acreditar que ouve todas as minhas explicações sobre rituais, satisfação e proximidade.

À Nela e ao Diogo. Sem eles, não tinha sido possível começar.

À Cláudia, por nunca ter duvidado.

ÍNDICE

RESUMO	4
ABSTRACT	5
INTRODUÇÃO.....	6
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	7
Rituais familiares	8
Qualidade Relacional Percebida	12
Proximidade	15
Presente estudo	17
MÉTODO	20
Participantes.....	20
Procedimento	22
Instrumentos	22
Estratégia de Análise de Dados	25
RESULTADOS	26
Comparação de médias	26
Correlações	27
Modelos de Equações Estruturais	30
DISCUSSÃO	31
Limitações do estudo	35
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS	37

RESUMO

O presente estudo replicou uma investigação conduzida por Crespo, Davide, Costa e Fletcher (2008), por forma a analisar a associação entre os rituais familiares, a qualidade da relação conjugal e a proximidade. A partir técnica de amostragem bola-de-neve foram selecionados 218 casais portugueses em situação de casamento, com filhos entre os 7 e os 18 anos de idade, para responderem, separadamente, a um conjunto de questionários que incluem um breve questionário de dados sociodemográficos, o Questionário de Rituais Familiares, o Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida e a escala *de Inclusão do Outro no Self*. Com recurso aos Modelos de Equações Estruturais para testar os efeitos individuais e diádicos, os resultados foram, de uma maneira geral, ao encontro do que tinha sido hipotetizado. O presente estudo revelou que os homens e mulheres com níveis mais elevados de significado atribuído aos rituais familiares reportaram perceções mais positivas de qualidade relacional, quer na análise individual, quer na análise diádica, pelo que a primeira hipótese desta investigação foi apoiada. Por sua vez, a segunda hipótese foi parcialmente apoiada, uma vez que revelou que, embora os homens e mulheres com níveis mais elevados de significado atribuído aos rituais familiares tenham reportado maior proximidade - a nível individual -, os efeitos diádicos não foram significativos. A diferença dos resultados encontrados nesta investigação face aos revelados no estudo replicado contribuiu para a afirmação de que as famílias, enquanto sistema aberto e dinâmico, estão em constante mudança; a investigação contínua nesta área no domínio em psicologia, por forma a contribuir para práticas clínicas.

Palavras-chave: rituais familiares, qualidade relacional, proximidade, casais

ABSTRACT

The present investigation intended to replicate a previous study conducted by Crespo, Davide, Costa e Fletcher (2008). Using the snowball technique, 218 Portuguese couples with children between the ages of 7 and 18 years old, were sampled. The participants were asked to answer a set of surveys, including one to collect personal data, the Family Rituals Questionnaires, the Perceived Relationship Quality Components Inventory and the Inclusion of Other in Self Scale. Structural Equation Modeling was used in order to test for individuals and dyadic effects. In this study the first hypothesis was confirmed: men and women who attributed higher significance to family rituals reported higher positive perceptions for relationship quality, both in the individual and dyadic analyses. The second hypothesis was only partially confirmed; men and women with higher levels of significance in family rituals reported higher closeness in within-individual effects, however across partners this effect was not shown. Some results obtained in this investigation go in the opposite direction of the original study. This reinforces the idea that families, as an open and dynamic system, are in constant change, and because of that they must be a constant object of study in psychology in order to contribute to clinical practice.

Keywords: family rituals, relationship quality, closeness, couples

INTRODUÇÃO

“O casal surge quando dois indivíduos se comprometem numa relação que pretendem que se prolongue no tempo.”

(Relvas, 1996)

O meu percurso académico foi marcado pela crença de que a família tem origem no casal e que, nas suas dimensões, este, por si só, tem inúmeras possibilidades de investigação relevantes em Psicologia. À possibilidade de realizar uma investigação na área da conjugalidade, juntou-se o desafio de replicar uma investigação específica sobre rituais familiares, qualidade relacional e proximidade com uma amostra de casais portugueses, realizada em 2008 (Crespo, Davide, Costa, & Fletcher, 2008).

A presente investigação foca-se na influência que o significado dos rituais familiares pratica na qualidade da relação conjugal e na proximidade dos cônjuges. Na sociedade atual, as mulheres estão inseridas no mercado de trabalho e, por isso, as famílias lidam com a elevada carga horária (e.g. laboral, escola) dos seus elementos. Por outro lado, os homens estão mais envolvidos na divisão das responsabilidades da vida familiar (Pinto, 2012). Torna-se, assim, essencial criar tempo de qualidade nas suas interações, que envolva preparação, empenho e investimento por parte de todos (Crespo, 2011). O presente argumento é válido não só a nível familiar, de um modo geral, como a nível conjugal, especificamente.

Os rituais familiares, enquanto potenciais organizadores do tempo em família (Imber-Black & Roberts, 1993; Fiese, 2006), surgem com positivas associações a múltiplas variáveis relacionadas com a área da psicologia da família (e.g. vinculação, satisfação conjugal, parentalidade), pelo que o interesse pela sua investigação se mantém aceso. Mais ainda, o investimento familiar nos rituais familiares parece estar associado a

vários indicadores positivos de adaptação individual. Embora existam estudos que também apontam associações positivas entre o investimento nos rituais familiares e indicadores de funcionamento familiar e conjugal, a literatura é ainda escassa.

Adicionalmente, o rápido ritmo de mudanças macroeconómicas que afetam as vivências familiares e conjugais justifica a relevância do estudo atualizado destas temáticas. Relativamente à situação demográfica atual, da qual faz parte a amostra recolhida para esta investigação, importa referir que se registou um decréscimo de 20% no número de casamentos. Mais ainda, desde 2008 – data da investigação que se pretende replicar – o número de casamentos passou de mais de 43 mil, para menos de 30 mil e a idade média no primeiro casamento aumentou de 28.1 anos para 30.2 anos, nas mulheres, e de 29.7 para 31.7, nos homens (Carrilho & Craveiro, 2015). A estes indicadores, junta-se, ainda, elevada taxa de divórcios, que reflete a instabilidade vivida nos casamentos. Assim sendo, esta investigação considera não só o uso construtivo dos rituais familiares para uma melhor organização do tempo em família (Kiser, Bennett, Heston e Paavola, 2005), como também a sua influência na vida do casal e na sua satisfação e proximidade, atentando nas mudanças que ocorreram desde a última investigação.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Considerar uma família, implica a consideração de um sistema complexo que enfrenta desafios constantes. Uma família forma-se a partir de duas outras, com heranças próprias, e que, por isso, devem ser combinadas a formar uma única. Os dois indivíduos, com personalidades diferentes, vão aprendendo a gerir as suas relações, a enfrentar as diversas tarefas, características das fases do ciclo de vida familiar que vão vivendo. Com o tempo, vão equilibrando as necessidades de cada um e revendo a sua trajetória conjunta (Alarcão, 2006; Rebelo Pinto & Ribeiro, 2010).

A revisão de literatura que se segue atenta nos rituais familiares como estratégia para lidar com as múltiplas exigências com que as famílias se deparam. Mais ainda, explora a qualidade relacional percebida e a proximidade, enquanto possíveis variáveis vulneráveis à existência e envolvimento nos rituais familiares.

Rituais familiares

Os rituais familiares são assumidos como um conceito transversal a todas as culturas, ainda que com manifestações peculiares, na medida em que diferem de perspectivas não só culturais, como sociais, afetivas e, até lúdicas (Rebelo Pinto & Ribeiro, 2010). Por outras palavras, embora os rituais familiares partilhem semelhanças, diferem de família para família, o que os torna um conceito de carácter idiossincrático (Roberts, 1988).

Assim sendo, podem ser definidos como eventos familiares importantes, partilhados ao longo da história da família e dos seus membros, adaptáveis às suas características e necessidades específicas, que tomam sentido e significado transcendentais ao próprio acontecimento, fomentando a identidade e o sentimento de pertença àquela família e não a outra (Fiese, 2006; Roberts, 1988). A sua integração no quotidiano da vida familiar assume como principais funções a manutenção da estrutura familiar e a gestão e equilíbrio dos múltiplos desafios a que as famílias estão expostas e são, por isso, atos criativos que refletem a sua história e que a tornam única (Cheal, 1988, tal como citado por Crespo, 2007). Por esse motivo, a idiossincrasia dos rituais associados à dimensão familiar é marcante não só no ciclo de vida da família, como no curso de vida de cada um dos membros que a compõem (Fiese, Hooker, Kotary & Schwagler, 1993). Em termos práticos, os rituais familiares¹ acontecem naturalmente nas famílias e é possível

¹ Os conceitos de rotinas e rituais são, por vezes, usados de forma inconsistente. Embora ambos os conceitos reconheçam a repetição dos acontecimentos ao longo do tempo, o que os distingue é o significado atribuído (Fiese, Tomcho, Douglas, Josephs, Poltrock, & Baker, 2002).

reconhecê-los em um dos três tipos de rituais: Celebrações familiares, Tradições familiares e Interações familiares padrão. Esta tipologia distingue os rituais quanto à forma de organização e funções que assumem (Roberts, 1988; Wolin e Bennett, 1984).

As celebrações familiares correspondem ao calendário externo da família (e.g. feriados nacionais, celebrações religiosas, Dia da Mãe), formalizados pelo meio social em que a família se insere (Rebelo Pinto & Ribeiro, 2010). Este tipo de rituais tem como principal função a transmissão de valores e costumes às gerações futuras (Lind, 2012).

As tradições familiares correspondem ao calendário interno da família (e.g. festas de aniversário, encontros de família alargada, férias), com carácter de continuidade e significado específicos para cada família. Este tipo de rituais reflete a identidade familiar, na medida em que expressa as suas crenças, valores e sentimentos próprios (Crespo et al., 2008).

Por fim, as interações familiares padrão representam práticas frequentes do quotidiano familiar (e.g. formas de saudação, regras de comportamento e de convivência, hora de jantar) que, ainda que possam ser pouco planeadas e sem uma intencionalidade consciente, assumem uma importante responsabilidade na estruturação dos comportamentos, segurança e estabilidade da vida diária da família. Mais ainda, este tipo de rituais possibilita a clarificação de responsabilidades dos elementos da família e o reforço da ligação entre eles (Imber-Black, 2003; Lind, 2008; Mead, 1973 tal como citado por Crespo, 2008).

Rituais familiares ao longo do ciclo de vida. A evolução do ciclo de vida familiar assume uma ordem mais ou menos previsível, pelo que se podem identificar, como eventos que exigem maior adaptação na organização familiar, os acontecimentos relacionados com a entrada e a saída de membros da família (Duvall, 1957 in Falicov,

1988, tal como citado por Crespo, 2011). Por serem mais relevantes para o presente estudo, vamos apenas considerar as etapas das famílias com filhos pequenos, com filhos na escola e com filhos adolescentes (Relvas, 1966).

A entrada de uma criança no quotidiano de um casal impõe reorganizações familiares, uma vez que ao subsistema conjugal se junta o subsistema parental. Para o casal, o equilíbrio entre a conjugalidade e a parentalidade pode resultar num tempo de adaptação mais ou menos prolongado no tempo, até que o dia-a-dia volte a estar organizado (Alarcão, 2006; Fiese, 2006a). Esta adaptação dificulta a disponibilidade dos cônjuges para a criação e manutenção dos rituais familiares, ainda que, com a aproximação da idade pré-escolar, possa surgir uma nova oportunidade para os cônjuges regressarem à vida ritual (Fiese et al., 1993).

Por volta dos sete anos de idade, acontece o primeiro dia de escola e, com ele, novos desafios para a família: é neste momento que a família se expõe ao exterior e inicia o contacto com um novo sistema – a escola – com o qual estabelece novas relações (Alarcão, 2006). A redefinição dos horários, das tarefas parentais e das despesas familiares abrem portas à oportunidade de criar rituais, nomeadamente em torno da hora de jantar e da hora de deitar. Muito embora o papel dos pais na criação de rituais seja preponderante, o papel ativo da criança também deve ser considerado, por forma a que estes, progressivamente, compreendam o significado e símbolos associados aos rituais da sua família (Fiese, 2006a).

Ainda que o casamento, o nascimento dos filhos e o primeiro dia de escola sejam momentos específicos, a etapa da família com filhos adolescentes não tem um acontecimento exato que determine o seu início. Por esse motivo, o reconhecimento desta etapa difere de família para família e dilui-se no tempo, sem que sejam criados rituais em torno desta transição. Por ser uma fase de progressiva autonomização do adolescente, a

função parental deixa de ser a principal preocupação e a díade conjugal volta a ganhar tempo e espaço para se expressar. Assim sendo, o casal deve preocupar-se em criar novos interesses e complementaridades, que conduzam à reorganização conjugal e profissional e não ao bloqueio do próprio desenvolvimento do casal (Alarcão, 2006).

Desta feita, o equilíbrio entre as necessidades específicas de cada um dos seus membros e as necessidades da família, enquanto sistema, torna-se o principal desafio. Por outras palavras, a principal tarefa passa por permitir a autonomia do adolescente, sem que este deixe de participar na dinâmica familiar e nos seus rituais (Alarcão, 2006). Esta etapa implica, então, pais ativos na ritualização familiar, ainda que, por vezes, o investimento cada vez maior das famílias em outras atividades possa dificultar esta tarefa. Por sua vez, o envolvimento dos adolescentes nos rituais pode auxiliá-los na sua definição futura enquanto ritualizadores (Friedman e Weissbrod, 2004, tal como citado por Crespo, 2011).

Rituais familiares e funcionamento familiar, conjugal e adaptação individual.

A literatura apresenta relações evidentes entre os rituais familiares e o funcionamento da família, do casal e da adaptação de cada um dos seus membros. A nível familiar, ao contribuírem para a gestão do tempo quotidiano da família, os rituais familiares possibilitam a definição e redefinição da estrutura familiar e os papéis associados a cada um dos seus membros, reforçando a sua identidade e coesão familiar (Crespo et al., 2008; Fiese, 2006; Rebelo Pinto & Ribeiro, 2010). Além do quotidiano, os rituais facilitam, igualmente, a organização do tempo do ciclo de vida, anunciando a gerindo as mudanças a que a família está exposta, integrando os novos elementos pertencentes e contribuindo para a sua estabilidade e continuidade ao longo do tempo. Ao atravessarem gerações e permitirem pontes entre o passado, o presente e o futuro de cada família, os rituais familiares são organizadores do tempo inter-geracional (Crespo et al., 2008; Fiese, 2006;

Rebelo Pinto & Ribeiro, 2010). Investigações conduzidas nos últimos anos têm verificado que, em famílias em contexto de condições de saúde adversas (e.g. asma, cancro, paralisia cerebral), os rituais familiares assumem associações positivas com um melhor ambiente familiar, com menos conflito e com maior coesão familiar e esperança (Santos, Crespo, Silva & Canavarro, 2012; Santos, Crespo, Canavarro & Kazak, 2015).

No que respeita à díade conjugal, de acordo com investigações realizadas, quanto mais eficazes e frequentes forem os rituais familiares, maior produção de proximidade e qualidade da relação conjugal se verificará (Crespo et al., 2008; Fiese e Tomcho, 2001). Também a negociação dos parceiros em relação aos rituais conduz a uma positiva perceção da relação marital, coesão familiar e identidade (Mikulincer et al., 2002, tal como citado por Crespo et al., 2008). Mais ainda, a participação em rituais com maior significado está positivamente associada a uma maior qualidade da relação conjugal em casais com filhos pequenos e em idade escolar (Fiese et al., 1993).

Os rituais familiares contribuem, ainda, para a redução de *stress*, apoio e estabilidade emocional e melhoria da qualidade de vida. Investigações empíricas revelaram, até, que a existência de uma vida ritual funcionava como proteção em condições crónicas de saúde (e.g. sintomatologia ansiosa de crianças com asma) (Santos et al., 2012; Santos et al., 2015).

Qualidade Relacional Percebida

A existência de um casal constitui uma plataforma de suporte para lidar com o *stress*, dentro e fora do ambiente familiar, e de equilíbrio das necessidades psicológicas de cada um dos cônjuges (Sousa, 2006, tal como citado por Narciso e Ribeiro, 2009). Todavia, apesar de o casamento ser uma fonte de bem-estar (Gottman & Notarius, 2002), novas configurações conjugais (e.g. coabitação sem casamento, uniões de facto) têm

registado um aumento significativo, tal como a taxa de divórcios, que permanece alta (Carrilho & Craveiro, 2015). Por esse motivo, a satisfação conjugal continua a ser, provavelmente, uma das variáveis mais estudadas na área da conjugalidade (Graham, Diebels & Barnow, 2011). Enquanto área de investigação no âmbito da Psicologia da Família, tem permitido compreender as relações conjugais e familiares (Glenn, 2001, tal como citado por Narciso & Costa, 2001).

Todavia, a imensa literatura disponível torna complexa a definição de satisfação conjugal e distingue-a de conceitos como, por exemplo, qualidade conjugal². Se, por um lado, a qualidade conjugal se refere ao desempenho na e da relação, isto é, refere-se aos processos conjugais vividos (e.g. comunicação, conflitos, intimidade, compromisso), por outro lado, a satisfação conjugal é entendida como uma avaliação subjetiva dos processos operativos, afetivos e cognitivos (Narciso & Costa, 2001).

Enquanto a qualidade conjugal pressupõe a avaliação por um observador externo, que analisa a relação considerando fatores contextuais, pessoais e demográficos, a satisfação conjugal reflete uma avaliação não só sobre a relação em si, como sobre o outro cônjuge (Narciso & Costa, 2001). Na verdade, embora estudos psicométricos, a partir dos anos 50, tenham permitido verificar como a satisfação marital diminui significativamente com o tempo e, sobretudo, com o aparecimento dos filhos, existindo a possibilidade de aumentar novamente, após a saída dos filhos de casa, a perspetiva interacional, a partir dos anos 60, considera mesmo que a qualidade da relação depende, sobretudo, do tipo de interação que os casais estabelecem, uma vez que são construídas e mantidas a partir de várias experiências, diferentes estados de humor e diferentes fases do ciclo de vida (Gottman & Notarius, 2002; Hanns, 2013).

² Ao longo do texto, os termos qualidade relacional e satisfação conjugal são utilizados tal como foram referidos nas fontes originais.

Nesse sentido, a satisfação conjugal é influenciada por múltiplos fatores, que podem ser organizados em três grandes tipos: centrípetos, centrífugos e percurso de vida conjugal (Narciso, 2001). Os fatores centrípetos referem-se aos processos conjugais vividos, os quais: operativos, isto é, os que refletem o funcionamento intrínseco da relação conjugal (e.g. comunicação, conflitos, controlo relacional); cognitivos, ou seja, as cognições individuais que influenciam a relação (e.g. padrões, percepções e expectativas) ou afetivos, isto é, a configuração dos sentimentos (e.g. amor, intimidade e compromisso). Os fatores centrífugos englobam, por um lado, fatores contextuais (e.g. família de origem, a rede social) e, por outro, fatores pessoais (e.g. padrões de vinculação, características da personalidade). Aqui poder-se-á incluir a vivência dos rituais familiares, eventos que envolvem não só o casal mas a família como um todo, podendo, em certos momentos do calendário familiar e em certas famílias, envolver elementos da família alargada. Por fim, o fator tempo – percurso de vida conjugal – inclui as fases do ciclo de vida e o tempo de relação.

Mais ainda, a satisfação conjugal, sendo subjetiva, é vulnerável a diferenças de sexo: tendencialmente, o maior preditor de satisfação conjugal nos homens é a percepção da esposa como responsável e, no caso das mulheres, é a percepção do marido como emocionalmente estável (Norman, 1963; Goldberg, 1981, in Shackelford & Buss, 1997, citados por Narciso, 2001); a comunicação de emoções por parte do marido constitui uma das variáveis com maior impacto na satisfação conjugal das mulheres (Dindia & Allan, 1992).

No âmbito desta investigação, adotámos a perspetiva de Fletcher, Simpson, Thomas e Gilles (2000) sobre a qualidade relacional percebida, assumida como a avaliação subjetiva de cada um dos cônjuges de diferentes componentes da relação conjuga satisfação, compromisso, intimidade, confiança, paixão e amor.

Proximidade

A complexidade subjacente a uma relação de casal é espelhada, entre outros aspetos, pelo facto de aos dois indivíduos que a formam, se juntar um “nós” (Narciso e Ribeiro, 2009). Para a construção desse “nós” é necessária a proximidade. A proximidade conjugal, de acordo com a perspetiva de Aron, Mashek & Aron (2003), reflete a necessidade de expansão do *self* ao Outro e da inclusão do Outro no *self* (Aron et al., 2004). Por outras palavras, cada indivíduo procura, através do estabelecimento de relações próximas, adquirir recursos (e.g. conhecimento e rede social), perspetivas e identidades (e.g. memórias, características de personalidade) de outro indivíduo, por forma a aumentar a capacidade própria de alcançar objetivos.

Ser próximo, não é, por isso, apenas estar perto. A proximidade não deve ser encarada como um plano consciente, uma vez que se assemelha a uma metáfora de proximidade cognitiva. Uma maior proximidade deve ser encarada como uma maior probabilidade de sobreposição de representações cognitivas, pelo que, ao ter acesso às perspetivas e variados recursos do Outro, o indivíduo passa a tomá-los como seus, bem como às perdas e aos ganhos que daí advenham (Aron, Mashek & Aron, 2003).

A proximidade, tal como definida por esta perspetiva, tem sido positivamente associada a qualidade de vida, bem-estar, sentimento de segurança e apoio emocional (Aron, Mashek & Aron, 2003; Aron et al., 2004). No âmbito da relação de casa, especificamente, ainda que exista uma tendência de ambos os parceiros para a inclusão dos recursos, perspetivas e identidades do Outro no *self*, deve compreender-se que cada indivíduo se rege por necessidades próprias (Aron et al., 2004). As diferentes necessidades conduzem a uma diferente avaliação da dimensão do *nós* e a literatura apresenta diferenças de género previsíveis: os homens encorajam mais a autonomia do

outro, sentindo menos satisfação com o desejo de maior proximidade das parceiras; as mulheres sentem-se mais satisfeitas com a aproximação dos parceiros, compreendendo-a como sinal de interesse e envolvimento (Narciso, 2001).

Em contraste à extensa literatura relacionada com a influência dos rituais familiares na qualidade relacional, estão as escassas evidências no que respeita à sua associação à proximidade. Na verdade, até à data, a única investigação que explora as associações entre estas duas variáveis é a que se pretende replicar, que revelou que quanto maior o investimento nos rituais familiares, maior a proximidade reportada pelas mulheres, mas não pelos homens, no que respeita a efeitos intra-individuais (Crespo et al., 2008). A investigação sugere que os papéis socioculturais e a sua relação com o género podem estar na origem destes resultados, uma vez que as mulheres são as principais responsáveis pelo desenvolvimento e manutenção dos rituais familiares, mas também pela gestão da relação de casal (Acitelli, Rogers & Knee, 1999; Bateson, 2004). A simultânea responsabilidade, nos contextos conjugal e familiar, pode permitir que as mulheres sejam mais influenciadas pela vida familiar do que os homens, aquando da avaliação da relação conjugal (Crespo et al., 2008).

Por outro lado, quando analisados os efeitos diádicos, o investimento nos rituais familiares, por parte do marido, parece estar associado negativamente à proximidade das mulheres. Tais resultados podem sugerir, por um lado, que a transportação das tarefas da vida ritual para os maridos podem condicionar a participação das mulheres nestes eventos ou, por outro lado, que alguns maridos que investem nos rituais familiares tendam a ser críticos no modo como as mulheres os organizam, afastando os momentos de alegria associados (Imber-Black & Roberts, 1993).

Presente estudo

O presente estudo tem como principal objetivo replicar a investigação conduzida por Crespo, Davide, Costa e Fletcher (2008) por forma a examinar as associações entre o significado dos rituais familiares e duas variáveis-chave no âmbito da conjugalidade: qualidade relacional e proximidade. Em ambos os casos, tal como no estudo original, pretende-se explorar os níveis individual e diádico destas associações.

A pertinência da replicação deste estudo prende-se com o rápido ritmo de mudanças macroeconómicas e demográficas que afetam o quotidiano das famílias, em geral, e dos casais, em particular (Pinto, 2012). Desde 2008, para além da elevada taxa de divórcios, assistiu-se a um decréscimo no número de casamentos, que acontecem cada vez mais tarde (Carrilho & Craveiro, 2015), exigindo uma adaptação mais rápida às fases do ciclo de vida da família que se seguem. A par da formação tardia de uma nova família, estão carreiras individuais, inseridas num contexto económico instável, que assumem cada vez mais importância e uma carga horária que deixa pouco tempo para a criação e manutenção de rituais familiares. No contexto português, especificamente, onde os papéis tradicionais de género ainda prevalecem (Vieira, Lopez & Matos, 2014), o equilíbrio entre as expectativas e a realidade torna-se difícil de gerir e, por isso, a taxa de divórcios em Portugal permanece elevada. Nesse sentido, com o presente estudo se, num intervalo de 8 anos, as famílias revelam alguma evolução na atribuição de significado aos rituais familiares e nos efeitos que podem surgir na qualidade relacional percebida e na proximidade conjugal, individuais ou diádicos.

A investigação *Family rituals in married couples: links with attachment, relationship quality, and closeness* (Crespo et al., 2008) reuniu 150 casais em situação de casamento, de duas áreas urbanas de Portugal. Após a identificação de pessoas que tivessem contacto privilegiado com casais, os investigadores recolheram as restantes

participações através da estratégia bola-de-neve. Foi pedido a cada casal que respondesse, individualmente e sem comparar com as respostas do parceiro, a um conjunto de questionários que incluíam o Family Rituals Questionnaire (Fiese & Kline, 1993), o Perceived Relationship Quality Components Inventory (Fletcher, Simpson & Thomas, 2000), o Experiences in Close Relationships Scale (Brennan, Clark and Shaver, 1998) e a Inclusion of Other in the Self Scale (Aron, Aron & Smollan, 1992). Pela primeira vez em Portugal, estes questionários e escalas foram traduzidos para português, aplicados, primeiramente, a uma amostra reduzida e, depois de algumas modificações, a análise fatorial exploratória permitiu a aplicação aos participantes da investigação.

Os resultados obtidos revelaram que uma maior perceção de investimento nos rituais familiares estava significativamente relacionada com níveis elevados de satisfação e proximidade, para homens e mulheres. A análise diádica, por sua vez, revelou-se surpreendente na manifestação de resultados que indicaram que o investimento nos rituais familiares, por parte dos homens, estava negativamente associado à perceção da qualidade relacional, por parte da mulher. Ainda assim, uma vez que estas evidências devem ser tratadas com precaução, por não estarem previstas na literatura, o presente estudo pretende compreender se estes resultados se mantêm, originando a primeira hipótese a testar:

Hipótese 1: Níveis mais elevados de significado atribuído aos rituais familiares estão associados a perceções mais positivas de qualidade relacional a nível individual e a nível diádico.

Relativamente aos resultados encontrados na associação entre o investimento nos rituais familiares e a proximidade, a investigação de Crespo et al. (2008) sugere que o

investimento nos rituais por parte do marido também se associa negativamente à proximidade da mulher. Uma vez mais, estes resultados inesperados devem ser tratados com cuidado, principalmente porque não são consistentes com as correlações encontradas. Por esse motivo, a nossa segunda hipótese foca-se na possibilidade de estes resultados não se repetirem:

Hipótese 2: Níveis mais elevados de significado atribuído aos rituais familiares estão associados a maior proximidade a nível individual e a nível diádico.

Embora o estudo original tivesse encontrado diferentes padrões de associações para homens e mulheres, optámos, neste estudo por não colocar hipóteses relativas às possíveis diferenças, nem considerar a variável da vinculação. Apoiámos esta decisão na diferença de 8 anos entre estudos, bem como no facto de algumas destas diferenças terem sido interpretadas com reserva pelos autores no estudo original (nomeadamente a associação negativa entre significado dos rituais percebido pelos homens e qualidade relacional das mulheres).

Por fim, para além das hipóteses supramencionadas, a presente investigação pretende, ainda, compreender as diferenças de acordo com o sexo, bem como a sua relação com outras variáveis sociodemográficas, nomeadamente, idade, tempo de casamento e número de filhos, para cada uma das variáveis em estudo – rituais familiares, qualidade relacional percebida e proximidade.

MÉTODO

Participantes

A amostra é constituída por 218 casais ($N=436$), com um tempo médio de casamento de 15 anos ($M= 14.99$; $DP=6.78$). Os participantes, de duas áreas urbanas de Portugal (62% de Coimbra e 38% de Lisboa) apresentavam uma média de idades de 41.65 anos ($DP=6.68$) e tinham na sua maioria (50.5%) 2 filhos, sendo que 90% da amostra se encontrava em situação de primeiro casamento.

Relativamente à escolaridade, 284 (67.94%) dos participantes tinham habilitações académicas superiores ao 9ºano. O nível correspondente ao intervalo entre o 10º-12ºano registou o maior número de participantes, com um total de 158 (37.80%). De entre os participantes, a maioria ($n=362$; 83.99%) estavam empregados.

De acordo com a classificação de Simões (2000) para o contexto português, os casais desta amostra foram agrupados em três níveis socioeconómicos, tendo em conta a sua profissão e as habilitações literárias, nomeadamente: alto, médio ou baixo. Desta feita, 99 casais (45.62%) ($n=99$) foram incluídos no nível médio, 64 casais (29.49%) no nível baixo e 54 (24.88%) no nível alto. A Tabela 1 apresenta a descrição detalhada das características sociodemográficas dos participantes.

Tabela 1

Principais variáveis sociodemográficas da amostra: frequências, percentagens, médias e desvios-padrão

	Categorias	<i>n</i>	Percentagem	Média	Desvio-Padrão
Sexo	Feminino	218			
	Masculino	218			
Duração da relação (anos)				15	6.78
Número de filhos	1	81	38.9		
	2	105	50.5		
	3	18	8.70		
	4	1	0.50		
	5	3	1.40		
Idade					
Total				41.66	6.68
Mulher				40.33	6.49
Homem				42.99	6.86
Escolaridade	<7º Ano	58	13.88		
	7-9º Ano	76	18.18		
	10-12º Ano	158	37.80		
	Bacharelato/Licenciatura	98	23.44		
	Formação pós graduada	28	6.70		
Situação Profissional	Empregado	362	83.99		
	Desempregado	46	10.67		
	Baixa	7	1.62		
	Reforma	8	1.86		
	Outras	8	1.86		
Nível Socioeconómico	Baixo (1)	64	29.49		
	Médio (2)	99	45.62		
	Alto (3)	54	24.88		

Procedimento

A amostra foi recolhida nas cidades de Coimbra e de Lisboa, a partir de uma amostragem de propagação geométrica, também designada por bola-de-neve (*snowball*). Assim sendo, foi selecionado um indivíduo de interesse que, posteriormente, recomendou indivíduos com as mesmas características e assim sucessivamente, até que se constituiu uma amostra de dimensão apropriada (Marôco, 2007).

Os critérios de inclusão para este estudo foram: a) casais casados ou em união de facto e b) com filhos entre os 7 e os 18 anos. A cada um dos casais foram entregues dois protocolos, para que preenchessem separadamente e sem contato com o cônjuge. Com o objetivo de dar a conhecer os objetivos e procedimento desta investigação e, simultaneamente, garantir a confidencialidade dos dados recolhidos, todos os participantes preencheram e assinaram um consentimento informado que acompanhava os protocolos de investigação.

Os inventários recolhidos foram, posteriormente, codificados e introduzidos numa base de dados, com recurso ao *software* Statistical Package for Social Sciences (SPSS) 23.0 for Windows, para tratamento quantitativo dos dados. Os instrumentos utilizados serão descritos no ponto que se segue.

Instrumentos

Questionário de dados sociodemográficos. O primeiro questionário desta investigação é composto por 16 questões divididas em três grandes grupos: dados pessoais (e.g. idade, sexo, situação profissional, escolaridade), composição do agregado familiar e dados do filho (e.g. idade, sexo, escolaridade).

Questionário de Rituais Familiares (FRQ). O *Family Rituals Questionnaire* foi, originalmente, construído por Fiese & Kline (1993) e, posteriormente, traduzido e adaptado para a população portuguesa. Do Questionário de Rituais Familiares (Crespo, 2007; Lind, 2012) fazem parte 56 itens, distribuídos por 7 contextos específicos, a saber: Hora de jantar, Fins-de-semana, Comemorações anuais, Feriados religiosos, Tradições culturais e étnicas e Celebrações especiais.

Cada contexto é avaliado em 8 dimensões: Ocorrência, Papéis, Rotinas, Presença/Participação, Afeto, Significado simbólico, Continuação e Preparação/Intencionalidade. As dimensões referem-se à frequência em que a atividade ocorre, à existência de papéis e deveres durante a sua ocorrência, à regularidade relativa ao seu desenrolar, às expectativas relacionadas com a obrigatoriedade da presença, ao investimento emocional associado, ao significado atribuído, à sua permanência ao longo das gerações e à preparação e planeamento associados, respetivamente (Fiese & Kline, 1993).

Neste estudo, especificamente, apenas foram apresentados os contextos relativos à Hora de jantar e às Comemorações anuais, compostas por 8 itens cada. Após a apresentação das instruções de preenchimento do questionário, é pedido aos participantes que optem, de entre duas opções, a que mais representa o que ocorre na sua família nuclear (e.g. “Algumas famílias jantam juntas regularmente” ou “Outras famílias raramente jantam juntas”) e que, de seguida, se refiram à sua escolha como “Totalmente verdade” ou “Mais ou menos verdade”.

Esta disposição de respostas dá origem a uma escala de Likert de 4 pontos, que pressupõem que valores mais elevados revelam maior investimento nos rituais familiares (Crespo, 2007). Relativamente à consistência interna do instrumento, a sua versão original apresenta valores de α entre .52 e .90 (Fiese & Kline, 1993).

Inventário de Componentes de Qualidade Relacional Percebida (ICQRP).

Para avaliar a percepção de qualidade relacional foi utilizado o *Perceived Relationship Quality Components Inventory* (Fletcher, Simpson, Thomas & Gilles, 2000), traduzido e adaptado por Crespo, Narciso & Costa (2004). Este inventário avalia seis constructos – satisfação, compromisso/investimento, intimidade, confiança, paixão e amor – com três itens cada (Fletcher et al., 2000; Crespo et. al, 2004).

A resposta a cada um dos 18 itens é fornecida numa escala de Likert de 7 pontos, que varia de 1 – Mesmo nada – a 7 – Extremamente. No presente estudo, apenas foram utilizados um item por subescala, pelo que apenas os itens 1, 4, 7, 10, 13 e 16 foram tidos em conta, por forma a analisar a avaliação geral que cada indivíduo faz relativamente à sua relação com o/a companheiro/a (Fletcher et al., 2000).

No que confere à confiabilidade do instrumento, a versão original reporta valores de α entre .74 e .94.

Escala de Inclusão do Outro no Self (IOS). *A Inclusion of Other in Self Scale* (Aron, Aron & Smollan, 1992), também denominada de Escala de Inclusão do Outro no *Self* foi o instrumento selecionado para a avaliação da proximidade do casal, por se tratar de uma escala de fácil e rápida administração. Trata-se de uma medida gráfica, com apenas 1 item na sua composição, que apresenta 7 diagramas de Venn com graus de sobreposição diferentes entre os dois círculos.

Esses círculos correspondem ao Eu e ao Outro e, por isso, cada um dos participantes deve seleccionar o grau de sobreposição que melhor descreve a sua relação com o/a companheiro/a. Em termos teóricos, esta proximidade é entendida como a inclusão de recursos, perspectivas e identidades do outro no próprio (Aron et al., 2004).

No que respeita à consistência interna, a mesma não pode ser avaliada numa escala de um só item. Assim sendo, os autores do instrumento recorreram a estudos alternativos para avaliar a confiabilidade, obtendo propriedades psicométricas adequadas.

Estratégia de Análise de Dados

A análise de resultados foi conduzida através dos *softwares* Statistical Package for Social Sciences (SPSS, v. 22.0; IBM SPSS Inc., Armonk, NY) e Analysis of Moments Structures (IBM, SPSS, AMOS, v.23.0). Em primeiro lugar, calcularam-se as estatísticas descritivas e os testes de diferenças de médias. A segunda etapa passou pela realização de uma análise de covariância a um fator (ANCOVA), para testar as diferenças de médias, de acordo com o nível socioeconómico, nas principais variáveis do estudo – rituais familiares, qualidade relacional e proximidade – controlando o efeito da duração da relação. De seguida, foi realizado um teste-t para amostras emparelhadas, para examinar diferenças de sexo relativamente a cada uma das variáveis.

Posteriormente, calcularam-se as correlações entre as variáveis em estudo e entre estas e a idade dos participantes, a duração da relação e o número de filhos. O cálculo das correlações para homens e para mulheres foi realizado separadamente, apresentando-se ainda as correlações diádicas entre as variáveis dos dois elementos do casal.

Por fim, foram construídos dois modelos de equações estruturais (*path models*, visto terem sido construídos com variáveis observadas), para avaliar as associações individuais e diádicas entre o significado dos rituais familiares e a qualidade relacional e na proximidade. Em ambos os modelos, as variáveis independentes foram o significado dos rituais familiares percebido por homens e mulheres; a qualidade relacional e a proximidade foram assumidas como variáveis dependentes.

Para avaliar o ajustamento do modelo, considerou-se que, para o RMSEA, valores até .08 seriam aceitáveis, entre .02 e .05 seriam bons e abaixo de .01 indicariam ótimo ajustamento (Little, 2013). Para avaliar a existência de diferenças significativas ao nível dos caminhos cruzados (efeitos diádicos) nestes modelos, procedeu-se ao constrangimento à igualdade de parâmetros e ao teste do qui-quadrado. A comparação entre o modelo não constrangido e o modelo em que os caminhos cruzados foram constrangidos à igualdade permitiu avaliar se as diferenças nestes caminhos eram ou não significativas.

RESULTADOS

A Tabela 2 apresenta as médias e os desvios-padrão para homens e mulheres, para cada uma das variáveis em estudo. Para as variáveis relativas à prática de rituais familiares e da qualidade relacional é apresentado, ainda, o alfa de Cronbach.

Tabela 2

Médias, Desvios-padrão e Alfas de Cronbach para as variáveis em estudo.

Variáveis	Mulheres		Homens	
	<i>M (DP)</i>	<i>α</i>	<i>M(DP)</i>	<i>α</i>
Rituais Familiares	3.28(.49)	.72	3.24(.49)	.73
Qualidade Relacional	5.97(1)	.94	6.10(1.01)	.95
Proximidade	4.59(1.57)		4.78(1.44)	

Comparação de médias

Para examinar o efeito da duração da relação nas diferenças de médias de cada variável, em cada um dos níveis socioeconómico, foi realizada uma análise univariada da

covariância a um fator (ANCOVA). Foram utilizadas três variáveis dependentes (rituais familiares, qualidade relacional e proximidade - quer para os homens, como para as mulheres), um fator (nível socioeconómico) e uma covariável (duração da relação).

Análises preliminares foram conduzidas por forma a garantir que não foi violado o princípio da homogeneidade de variâncias. Todavia, quando analisados separadamente, não se registaram diferenças significativas entre os três grupos de níveis socioeconómicos: no significado dos rituais familiares das mulheres [$F(2,181)=2.81$, $p=.06$, partial eta squared=.03]; na qualidade relacional percebida das mulheres [$F(2,186)=.04$, $p=.96$, partial eta squared=.00]; na proximidade das mulheres [$F(2,182)=.37$, $p=.70$, partial eta squared=.00]; no significado dos rituais familiares dos homens [$F(2,179)=.95$, $p=.39$, partial eta squared=.01]; na qualidade relacional percebida dos homens [$F(2,184)=.38$, $p=.68$, partial eta squared=.00]; e na proximidade dos homens [$F(2,184)=.04$, $p=.96$, partial eta squared=.00].

Para analisar as diferenças de sexo em cada uma das variáveis da investigação, foram realizados três teste-t para amostras emparelhadas. Foram registadas diferenças significativas nas variáveis da qualidade relacional e da proximidade. Os homens percecionaram resultados mais elevados de qualidade relacional ($M=6.10$, $DP=1.57$) do que as mulheres ($M=5.97$, $DP=1$), [$t(197)=-2.34$, $p<.005$]. O mesmo aconteceu relativamente aos resultados relativos à proximidade, nos quais também os homens registaram valores mais altos ($M=4.79$, $DP=1.44$) do que as mulheres ($M=4.59$, $DP=1.57$, [$t(194)=-2.12$, $p<.005$].

Correlações

A Tabela 3 apresenta os valores das correlações entre as variáveis em estudo, separadamente para homens e para mulheres. Foram encontradas associações positivas

entre todas as variáveis principais da investigação, para ambos os sexos. É de salientar a correlação forte entre a qualidade relacional e a proximidade, quer para mulheres($r=.71$), quer para homens($r=.67$).

As análises inter-individuais revelaram que o significado atribuído aos rituais, a qualidade relacional percebida e a proximidade de homens e de mulheres estavam positivamente correlacionadas. De entre os valores diádicos, destacaram-se as correlações positivas fortes entre o significado dos rituais das mulheres e o significado dos rituais dos homens ($r=.60$), entre a qualidade relacional das mulheres e a qualidade relacional dos homens ($r=.70$), entre a qualidade relacional das mulheres e a proximidade dos homens ($r=.58$), entre a proximidade das mulheres e a qualidade relacional dos homens ($r=.52$) e entre a proximidade das mulheres e a proximidade dos homens ($r=.64$).

A duração da relação estava negativamente correlacionada com o significado dos rituais familiares das mulheres ($r=-.16$) e dos homens ($r=-.15$). Relativamente às idades dos participantes, a idade das mulheres estava negativamente associada ao significado dos rituais familiares das mulheres ($r=-.17$), aos rituais familiares dos homens ($r=-.20$) e à qualidade relacional dos homens ($r=-.15$); a idade dos homens estava, também, negativamente associada ao significado dos rituais familiares das mulheres ($r=-.15$) e ao significado dos rituais familiares dos homens ($r=-.19$). Por último, o número de filhos estava significativamente correlacionado com o significado atribuído aos rituais familiares, por parte dos homens ($r=.17$).

Tabela 3

Matriz de correlações entre significado dos rituais, qualidade relacional e proximidade e variáveis sociodemográficas.

	Mulheres				Homens						
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Média (Desvio-padrão)
Mulheres											
1. Significado dos Rituais	-										3.28 (.50)
2. Qualidade Relacional	.35**	-									5.95 (1)
3. Proximidade	.29**	.71**	-								4.58 (1.58)
Homens											
4. Significado dos Rituais	.60**	.44**	.26**	-							3.21 (.53)
5. Qualidade Relacional	.32**	.70**	.52**	.47**	-						6.07 (1.05)
6. Proximidade	.20**	.58**	.64**	.29**	.67**	-					4.75 (1.47)
7. Idade Mulheres	-.17*	-.08	-.04	-.20**	-.15*	-.11	-				40.33 (6.50)
8. Idade Homens	-.15*	-.08	-.03	-.19**	-.09	-.10	.82**	-			42.99 (6.86)
9. Duração da relação	-.16*	-.05	.01	-.15*	-.10	-.05	.71**	.67**	-		15 (6.78)
10. Número de filhos	.10	.09	.04	.17*	.09	-.02	-.07	-.01	.06	-	1.75 (.75)

Nota. ** $p < .01$, * $p < .05$.

Modelos de Equações Estruturais

Com recurso aos modelos de equações estruturais, através do programa *Analysis of Moments Structures* (IBM, SPSS, AMOS, v.23.0) foram construídos dois modelos (*path models*), para analisar as associações individuais e diádicas entre o significado dos rituais familiares e a qualidade relacional e a proximidade. O primeiro modelo, relativamente à qualidade relacional, apresentado na figura 1, revelou um nível de ajustamento aceitável, com $\chi^2(1)=2.71$, $p=.10$; CFI=.99 e RMSEA=.09.

Verificou-se, então, que maior investimento nos rituais familiares estava associado a perceções mais positivas de qualidade relacional, quer nos homens, quer nas mulheres. Além disso, sugeriu a presença de efeitos cruzados: níveis mais elevados de significado atribuído aos rituais familiares, por parte da mulher, estava associado a perceções mais positivas de qualidade relacional nos homens e vice-versa.

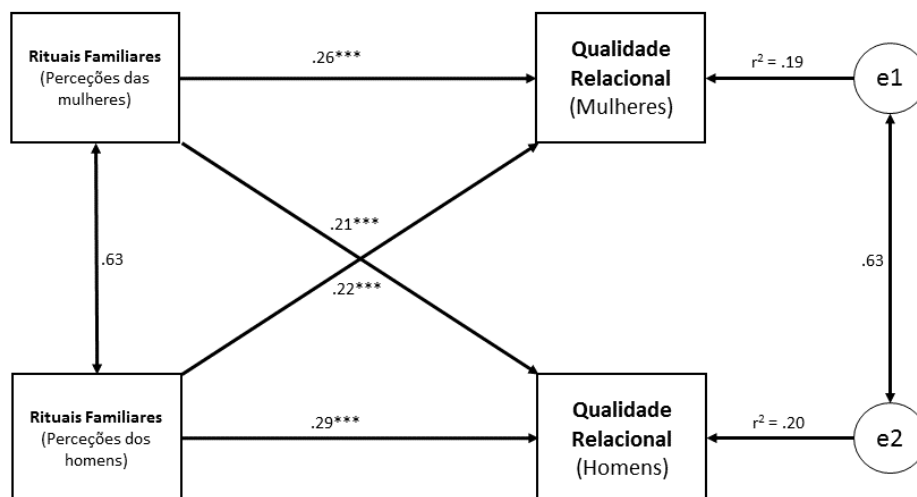


Figura 1. *Path model* relativo às associações, individuais e diádicas, entre o significado dos rituais familiares e a qualidade relacional.

O segundo modelo, relativo à proximidade como variável dependente, por sua vez, apresentou um nível de ajustamento fraco, com $\chi^2(0)=.00$, $p<.00$; CFI=1 e RMSEA=.30, pelo que se optou por constranger os efeitos cruzados à igualdade. Desta feita, o modelo constrangido apresentou um nível de ajustamento aceitável, com $\chi^2(1)=.36$, $p=.55$; CFI=1 e RMSEA=.00.

Verificou-se que maior significado dos rituais familiares estava associado a maior proximidade, quer nos homens como nas mulheres. Todavia, os efeitos diádicos não se verificaram, sugerindo que maior significado dos rituais familiares, por parte da mulher, não estava associado a maior proximidade dos homens e vice-versa.

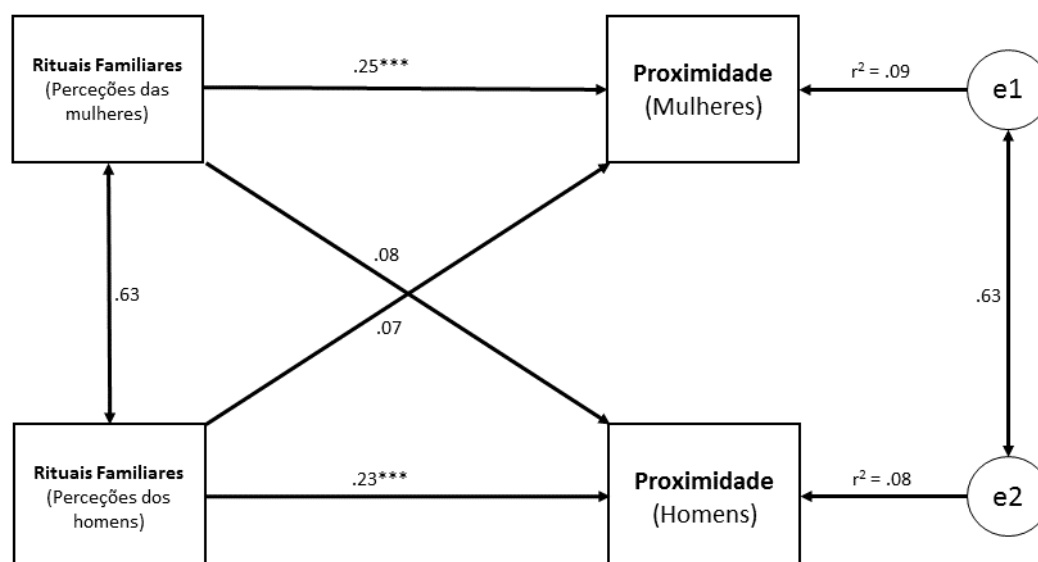


Figura 2. *Path model* relativo às associações, individuais e diádicas, entre o investimento nos rituais familiares e a proximidade.

DISCUSSÃO

O principal objetivo desta investigação era o de compreender as associações entre o significado dos rituais familiares, a qualidade da relação conjugal e a proximidade, a partir de uma amostra portuguesa de casais casados, com filhos entre os 7 e os 18 anos. Especificamente, pretendia-se compreender os efeitos individuais e diádicos do

significado da vida ritual na qualidade da relação conjugal, por um lado, e na proximidade, por outro.

Numa breve análise correlacional das variáveis sociodemográficas, foram encontrados resultados que apoiam que quanto mais avançada a idade dos membros do casal, menor é a atribuição de significado aos rituais, por parte de ambos dos cônjuges; este resultado é compreensível uma vez que, tendencialmente, um casal mais velho terá filhos na fase da adolescência e, por isso, a função parental deixou de ser a maior preocupação e a relação hierárquica que se estabelecia até então, dá lugar a fronteiras permeáveis entre pais e filhos (Alarcão, 2006; Carter & McGoldrick, 1995). Pelo mesmo motivo, foram encontrados resultados que apoiam que também a duração da relação está negativamente correlacionada com a atribuição de significado à vida ritual, para ambos os sexos. As famílias com filhos adolescentes deixam de reunir esforços no ajustamento das funções conjugal e parental e iniciam mudanças no sentido de se focarem, principalmente, a nível profissional (Carter & McGoldrick, 1995).

A idade das mulheres parece estar negativamente correlacionada com a qualidade relacional percebida pelos maridos, ou seja, quanto mais velhas as mulheres, menor a perceção da qualidade relacional dos maridos. Estes dados são, por um lado, compreensíveis e consistentes com a literatura, se considerarmos que os casais que aqui são analisados têm filhos entre os 7 e os 18 anos e, por isso, experienciam uma queda significativa na satisfação conjugal (Alarcão, 2006; Gottman et al., 2002; Narciso, 2001) e, por outro lado, uma surpresa, na medida em que são as mulheres que, geralmente, apresentam níveis mais baixos na avaliação da relação conjugal (Bernard, 1972). Por fim, o número de filhos revelou-se positivamente correlacionado com a atribuição de significado à vida ritual por parte dos maridos, o que significa que quantos mais filhos,

maior a exigência das tarefas familiares e parentais e, por isso, maior envolvimento dos homens nos rituais familiares, em comparação a famílias com menos filhos.

Após investigação das duas hipóteses, o presente estudo revelou que os homens e mulheres com níveis mais elevados de significado atribuído aos rituais familiares reportaram percepções mais positivas de qualidade relacional, quer na análise individual, quer na análise diádica, pelo que a primeira hipótese desta investigação foi apoiada. Estes resultados revelaram-se uma surpresa, uma vez que não coincidiram com o encontrado na investigação conduzida em 2008 por Crespo e colaboradores, que revelou que o significado atribuído aos rituais familiares, por ambos os cônjuges, apenas estava significativamente associado à percepção da qualidade relacional das mulheres. Ao contrário do esperado, o presente estudo revelou que, tanto nos efeitos individuais, como nos efeitos diádicos, é a percepção da qualidade relacional dos homens a mais influenciada significativamente pelo significado atribuído aos rituais familiares, por ambos os elementos do casal. Mais ainda, o presente estudo revelou que, contrariamente ao encontrado por Crespo et. al. (2008), mas indo ao encontro do encontrado por Fiese e Tomcho (2001), a atribuição de significado nos rituais familiares, por parte do homem, está positivamente associada à qualidade relacional das mulheres.

Por sua vez, a segunda hipótese foi parcialmente apoiada, uma vez que revelou que, embora os homens e mulheres com níveis mais elevados de significado atribuído aos rituais familiares tenham reportado maior proximidade - a nível individual -, a análise diádica não se verificou. Por outras palavras, mulheres com níveis mais elevados de significado atribuído à vida ritual, não estão associadas a homens mais próximos e vice-versa. Estes resultados contrariam o esperado, uma vez que, na investigação que replicamos, nenhuma destas trajetórias se revelou significativa para os homens, indicando que os rituais familiares não tinham efeitos na sua proximidade (Crespo et al., 2008). No

presente estudo, embora se mantenham os resultados não significativos na análise diádica, a verdade é que a atribuição de significado nos rituais familiares, por parte dos maridos, revelou associações positivas significativas na sua proximidade. Por outro lado, assistiu-se a uma reversão nos resultados diádicos entre a atribuição de significado à vida ritual, por parte dos maridos, e a proximidade das mulheres. Ao contrário do esperado, a percepção dos rituais familiares por parte dos homens não se revelou negativamente associada à proximidade das mulheres.

De uma maneira geral, a principal surpresa desta investigação foi a contradição de resultados face à investigação anterior, no que respeita aos efeitos sentidos pelos homens nas duas variáveis. Ao contrário do que havia sido encontrado, o presente estudo indicou serem os homens a apresentar resultados mais elevados quer na percepção da qualidade relacional, quer na proximidade, resultados apoiados pela literatura (Bernard, 1972; Narciso, 2001). Neste sentido, os homens parecem importar-se com a existência de uma vida ritual e, no presente estudo, parecem beneficiar não só do envolvimento da esposa, como do seu próprio envolvimento, o que pode levantar a possibilidade de se estar a assistir a uma mudança na atribuição tradicional de divisão de tarefas associadas ao género (Carter & McGoldrick, 1995). Além disso, estes resultados vão ao encontro da expectativa anteriormente apresentada face ao maior envolvimento dos homens na divisão da responsabilidade da vida familiar e da necessidade de preparação, empenho e investimento, da parte de todos, na criação de tempo de qualidade nas suas interações. Ainda que a percepção da qualidade relacional não seja um tema que apresente unanimidade relativamente às diferenças de sexo, investigações apoiam os resultados encontrados neste estudo, que reportaram não existir diferenças significativas entre a qualidade relacional percebida pelos maridos e pelas mulheres (Amato, Booth, Johnson & Rogers, 2007). No entanto, com a presença ativa da mulher no mercado de trabalho,

podem surgir conflitos de papéis associados à vivência mais intensa dos três papéis – familiar, conjugal, profissional - o que pode conduzir a percepções mais elevadas da qualidade relacional, por parte das mulheres, que combinavam essas responsabilidades e que, agora, podem contar com maior envolvimento por parte do marido (Crespo, 2011; Pinto, 2012).

Limitações do estudo

A principal limitação deste estudo prende-se com a possibilidade de terceiras variáveis a considerar. Neste estudo, foram tidas em conta duas variáveis relacionadas com a díade conjugal – qualidade relacional percebida e proximidade – que poderiam ser moderadas ou mediadas por outras variáveis que não considerámos neste estudo e que poderiam alterar a sua relação com os rituais familiares.

Em segundo lugar, apesar de as hipóteses conduzirem os resultados a uma trajetória unidirecional, a verdade é que casais satisfeitos podem estar mais disponíveis e motivados para a criação de rituais familiares, bem como os casais mais próximos. Em terceiro lugar, devem ser assumidas as limitações relativamente à amostra, recolhida em duas áreas urbanas. Uma amostra recolhida numa zona rural pode realçar as assimetrias características no nosso país noutras áreas do quotidiano (e.g. custo de vida, empregabilidade, oportunidades de desenvolvimento pessoal). A não consideração da religião num país culturalmente marcado pela mesma poderia ser interessante na comparação de resultados entre grupos religiosos e não religiosos.

Por fim, assumimos, igualmente, limitações metodológicas: o Questionário de Rituais Familiares não permite a distinção das percepções de investimento do próprio ou dos outros participantes na vida ritual, pelo que seria interessante compreender as discrepâncias que poderiam surgir entre a percepção de investimento do próprio e do outro,

na criação e manutenção dos rituais familiares; também a escala de Inclusão do Outro no Self não permite a compreensão da proximidade enquanto desejável ou fusional; mais ainda, considera que o Eu e o Outro estão próximos proporcionalmente, pelo que não existe a possibilidade de averiguar discrepâncias entre a proximidade “desejada” e a proximidade “sentida”.

CONCLUSÃO

“A simples descrição de uma família, não serve para transmitir a riqueza e complexidade relacional dessa estrutura.”

(Gameiro, 1992, pág. 187)

Apesar das limitações supramencionadas, o presente estudo revelou como principal força o seu carácter inovador, no que respeita à associação direta entre rituais familiares e proximidade, uma vez que não existiam, até à data e que tenhamos conhecimento, outros estudos que o fizessem. A contradição dos resultados encontrados nesta investigação face aos revelados no estudo conduzido por Crespo e colaboradores (2008) contribuiu para a afirmação de que as famílias, enquanto sistema aberto e dinâmico, estão em constante mudança e que, por isso, devem ser acompanhadas pela investigação em psicologia, por forma a contribuir para práticas clínicas preventivas. Aos poucos, a definição de família tradicional tem vindo a alterar-se, na medida em que, embora os padrões de relacionamento sejam semelhantes, a estrutura, as idades e os tipos de família tem-se vindo a modificar, face às gerações anteriores.

O conhecimento e avaliação da importância dos rituais familiares, numa época marcada pela instabilidade macroeconómica e pelo surgimento de novos tipos de famílias, podem contribuir para a compreensão do funcionamento do contexto familiar e para o

ajustamento do casal face aos desafios modernos, nos diversos contextos, tratando de dentro para fora do contexto familiar.

Aos inúmeros estudos cuja principal temática é a qualidade relacional percebida, junta-se a possibilidade de existir uma mudança de ideais que sugere que, cada vez mais, as mulheres encaram a participação dos homens na vida familiar como um fator de satisfação, sem que esteja associado à crítica e ao carácter dominador vigente até então (Crespo et al., 2008). Por fim, como sugestão para investigações futuras, fica a possibilidade de aprofundar a variável da proximidade que, mais do que um acesso à subjetividade de cada cônjuge, deve refletir a desejabilidade da proximidade de cada um dos membros, bem como a perceção desequilibrada da proximidade de cada um. Em suma, a importância do conhecimento técnico e científico contribuir para a atualização da intervenção preventiva, focada em processos positivos de construção de novas realidades e histórias de vida de casal.

REFERÊNCIAS

- Acitelli, L. K., Rogers, S., & Knee, C. R. (1999). The role of identity in the link between relationship thinking and relationship satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16(5), 591-618.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Amato, P. R., Booth, A., Johnson, D. R., & Rogers, S. J. (2007). Alone together. *Age*, 232.
- Aron, A., & Aron, E. (1986). *Love as expansion of self: Understanding attraction and satisfaction*. New York: Hemisphere.

- Aron, A., Aron, E., & Smollan, D. (1992). Inclusion Other in Self Scale and the structure of interpersonal closeness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 596-612.
- Aron, A., & Mashek., & Aron, E. (2003). *Closeness as Including Other in the Self*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Aron, A., McLaughlin-Volpe, T., Mashek, D., Lewandowski, G., Wright, S. C., & Aron, E. N. (2004). Including others in the self. *European Review of Social Psychology*, 15, 101-132.
- Bernard, J. (1972). The Future of Marriage (New York. *World*, 11.)
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview.
- Caillé, P. (1991). *Un et un font trois: Le Couple révélé à lui-même*. Paris: ESF.
- Carels, R. A., Baucom. D. H. (1999) Support in marriage: Factors associated with on-line perception of support helpfulness. *Journal of Family Psychology*, 13(2), 131-144.
- Carrilho, M. J., Craveiro, M. L. (2015). A situação demográfica recente em Portugal. *Revista de estudos demográficos*, INE, 57-107.
- Crespo, C. (2007). *Rituais familiares e o casal: Paisagens inter-sistémicas* (Doctoral dissertation, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa).
- Crespo, C., Davide, I. N., Costa, M. E., & Fletcher, G. J. (2008). Family rituals in married couples: Links with attachment, relationship quality, and closeness. *Personal Relationships*, 15(2), 191-203.

- Crespo, C. (2011). À mesa com a família”: Rituais familiares ao longo do ciclo de vida. *Famílias: Questões de desenvolvimento e intervenção*. Porto: Livpsic.
- Cox, M. J., & Paley, B. (2003). Understanding families as systems. *Current Directions in Psychological Science*, 12, 193-196.
- Dindia, K., & Allen, M. (1992). Sex differences in self-disclosure: a meta-analysis. *Psychological bulletin*, 112(1), 106.
- Esteves, A. J. (1991). A família numa sociedade em mudança. *Revista Sociologia*, 1, 79-100.
- Fiese, B. H., Hooker, K. A., Kotary, L., & Schwagler, J. (1993). Family rituals in the early stages of parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 633-642.
- Fiese, B. H., & Kline, C. A. (1993). Development of the Family Ritual Questionnaire: Initial reliability and validation studies. *Journal of family psychology*, 6(3), 290.
- Fiese, B. H., & Tomcho, T. J. (2001). Finding meaning in religious practices: the relation between religious holiday rituals and marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 15(4), 597.
- Fiese, B. H., Tomcho, T. J., Douglas, M., Josephs, K., Poltrock, S., & Baker, T. (2002). A review of 50 years of research on naturally occurring family routines and rituals: Cause for celebration?. *Journal of family psychology*, 16(4), 381.
- Fiese, B. H. (2006). Who took my hot sauce? Regulating emotion in the context of family routines and rituals. In D. K. Snyder, J. A. Simpson, & J. N. Hughes (Eds.), *Emotion regulation in couples and families: Pathways to dysfunction and health* (pp. 269-290).

- Fiese, B. H. (2006a). Family routines and rituals. Yale University Press
- Fletcher, G. J., Simpson, J. A., & Thomas, G. (2000). The measurement of perceived relationship quality components: A confirmatory factor analytic approach. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26(3), 340-354.
- Gottman, J., & Notarius, C. (2002). Marital research in the 20th century and a research agenda for the 21st century. *Family Process*, 41, 159-197.
- Graham, J. M., Diebels, K. J., & Barnow, Z. B. (2011). The reliability of relationship satisfaction: a reliability generalization meta-analysis. *Journal of Family Psychology*, 25(1), 39.
- Hanns, L. (2013). A equação do casamento. Editora Paralela.
- Hu, L. T., & Bentler, P. M. (1999). *Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. Structural equation modeling: a multidisciplinary journal*, 6(1), 1-55.
doi:10.1080/10705519909540118
- Imber-Black, E.; Roberts, J. (1993), *Rituals for Our Time – Celebrating, healing and changing our lives and our relationships*, Nova Iorque: Harper Perennial.
- Imber-Black, E. (2003). Ritual themes in families and family therapy. In E. Imber-Black, J. Roberts, & R. A. Whiting (Eds). *Rituals in Families & Family Therapy* (Rev. Ed., Chap. 1, pp. 49-87). New York : W. W. Norton & Company.
- Kiser, L. J., Bennett, L., Heston, J., & Paavola, M. (2005). Family ritual and routine: Comparison of clinical and non-clinical families. *Journal of Child and Family Studies*, 14(3), 357-372.

- Li, T., & Fung, H. H. (2011). The dynamic goal theory of marital satisfaction. *Review of General Psychology*, 15(3), 246. doi:10.1037/a0024694
- Lind, W. (2012). *Casais Biculturais e Monoculturais: Diferenças e recursos*, Dissertação de doutoramento em Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa
- Little, P. T. D. (2013). *Longitudinal structural equation modeling*. Guilford Press.
- Marôco, J. (2011). *Análise estatística com o SPSS Statistics*. ReportNumber, Lda.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades Satisfeitas mas Não-Perfeitas – À Procura do Padrão Que Liga*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia (Psicologia Social). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Narciso, I., & Costa, M. E. (2001). Percursos de Mudança na qualidade conjugal: fragmentos de um estudo sobre conjugalidades satisfeitas.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). Olhares sobre a conjugalidade. *Lisboa: Editora Coisas de Ler*.
- Pinto, H. R., & Ribeiro, M. T. (2010). Há festa na família...: contributos da psicologia para o estudo de rotinas, tradições, celebrações e rituais familiares. *Comunicação & Cultura*, 10, 73-86.
- Pinto, V. S. A. (2012). Interferência trabalho-família (ITF) e facilitação trabalho-família (FTF): Estudo da invariância da medida entre géneros.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família, perspectiva sistémica*, Porto: Afrontamento.
- Roberts, J. (1988). Setting the frame: Definition, functions, and typology of rituals. *Rituals in families and family therapy*, 3-46.

- Santos, S., Crespo, C., Silva, N., & Canavarro, M. C. (2012). Quality of life and adjustment in youths with asthma: The contributions of family rituals and the family environment. *Family process*, 51(4), 557-569.
- Santos, S., Crespo, C., Canavarro, M. C., & Kazak, A. E. (2015). Family rituals and quality of life in children with cancer and their parents: The role of family cohesion and hope. *Journal of pediatric psychology*, 40(7), 664-671.
- Simões, M. R. (2000). Investigações no âmbito da Aferição Nacional do Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, FCT e MCT.
- Vieira, J. M., Lopez, F. G., & Matos, P. M. (2014). Further Validation of Work–Family Conflict and Work–Family Enrichment Scales Among Portuguese Working Parents. *Journal of Career Assessment*, doi:10.1177/1069072713493987
- Wolin, S.; Bennett, L. (1984), «Family rituals», *Family Process*, 2 (3), 401-420.